

A FOLHA

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu

NOSSA SENHORA OU O PARÉLIO?

DEZ RELATAM VISÃO DA VIRGEM
Centenas de católicos de várias regiões
Rio Grande do Sul estão se dirigindo à
cidade de Taquari, atraídos pelas aparições
de Nossa Senhora, relatadas por 10
crianças, jovens e adultos, no distrito de Rin-
co de São José, aos quais ela vem pedindo
orações e trazendo uma mensagem de paz...
Recevidos separadamente, as crianças e adultos
dão a mesma descrição da mulher, que "apa-
rece no meio da fumaça: é loura, de olhos
verdes e veste uma túnica branca" (JB
5-4-88).

"OLHA LÁ, OLHA LÁ!" — "Olha lá,
olha lá! Olha o sol! A santa! Olha Nossa
Senhora!" Eram os gritos das pessoas que
estavam no palanque, perto da árvore junto
qual, desde o dia 24, algumas crianças e
adultos disseram ter visto a imagem de Nossa
Senhora da Assunção... Em menos de 10
minutos, mais de 2 mil pessoas correram
pelo campo e logo se ajoelharam para ver
Nossa Senhora da Assunção que, diziam,
aparecia sob diversas imagens e dava colo-
rações diversas ao sol. O fenômeno durou
cerca de dois minutos" (JB 4-4-88).

— NOSSA SENHORA OU PARÉLIO? —
Cientistas estão atribuindo a aparição de
Nossa Senhora da Assunção, no município
de Taquari, a um fenômeno conhecido da
astronomia — o parélio — com a mudança
da coloração do sol, descrita por centenas de
pessoas que dizem ter visto a santa... A
professora Sílvia Becker, do Departamento de
Astronomia do Instituto de Física da Uni-
versidade Federal do Rio Grande do Sul,
acredita que as mudanças de cor do sol,
passando do azul para o verde musgo —
como relataram os romeiros — refiram-se
mais a mudanças de condições meteorológicas
(JB 5-4-88).

— AS APARIÇÕES E O OBSERVATÓ-
RIO NACIONAL — O astrônomo Ronaldo
Freitas Mourão, do Observatório Nacional,
no Rio de Janeiro, acha que a visão "não
passa da refração da luz solar nas camadas
de cristais gelados, presentes nas nuvens".

Conforme Freitas Mourão, seria impossível
fixar a visão no sol a olho nu, sem a pre-
sença de nuvens que reduzisse o efeito apa-
rente de seus raios. Para ele, como para os
outros cientistas, as nuvens às vezes são
invisíveis, dado o grau de dissimulação, mas
isso não impede o fenômeno do parélio (JB
5-4-88).

— PARÉLIO, UM HALO DE LUZ —
O fenômeno é chamado de halo ou parélio
e costuma ser visto, com mais frequência,
nas regiões polares ou a bordo de aviões a
grande altura, nas quais o frio favorece a
formação de cristais de gelo, que atuam como
pequenos prismas refletindo e distorcendo a
luz. Às vezes, formam-se espectros e imagens
difusas dentro do disco solar, algo que já
foi até fotografado. Há casos em que a pró-
pria imagem da pessoa é refletida em uma
camada de orvalho sobre o solo, criando a
imagem de um vulto cercado por um halo
luminoso (JB 5-4-88).

— VOCÊ PODE TER VISÕES! — A des-
crição técnica acima é do astrônomo Freitas
Mourão, diretor do Observatório Nacional,
que continua afirmando: mesmo em regiões
de clima quente, esses tipos de reflexos em
torno do sol podem ser vistos ocasionalmente
e tomados por sinais divinos. Se uma pessoa
olha para um foco de luz intensa como o
sol, também vê imagens coloridas, chamadas
pós-imagens, provocadas pela reação das cé-
lulas da retina à luz intensa (JB 5-4-88).

— "MINHA FÉ NÃO PRECISA DESSAS
COISAS" — Palavras de São Luís IX, rei
da França. Sendo profundamente religioso,
foi-lhe comunicado, por um ministro, o se-
guinte fato: em tal igreja, tem um padre que,
quando celebra a missa, a gente vê o sangue
de Cristo escorrendo da hóstia; o rei também
devia ir ver! — Vão vocês — respondeu o
santo rei — eu não saio do lugar por causa
destas coisas, minha fé não precisa disso para
ser forte! — E nos ficaria a pergunta: qual,
das pessoas envolvidas nos fatos acima, está
assumindo atitudes realmente libertadoras?
(F.L.T.)

IMAGEM DE VIDA BAILARINA

1. Última noite no Brasil-Danças. Em mais
de trinta anos de existência, anos de agri-
doce experiência, sonhando fugazes esperan-
ças, aqui passaram, rodopiando, em giros lou-
cos de Amor venal, pares fortuitos volu-
teando inconscientes do Bem, do Mal. Última
noite? Onde irás? que parceiro encontrarás?
Da que foi bela menina que restou na dan-
çarina? Sobre ti passaram anos de baião, de
samba e valsa. Que sobrou? Só desenganos,
só mágoas, só glórias falsas. Carina, pobre
Carina, que é que a vida te destina?

2. Última noite no Brasil-Danças. Trinta anos
colhendo experiência, de amores passageiros
— vivência de gozos, de sonhos, de folgan-
ças. Meu irmão, que esperavas dançando?
Sorver um doce favo de mel? Não viste Ca-
rina picotando, misturando amor venal com
fel? Ah, e tu, pobre menina que só foste
dançarina, envolvendo nos teus braços, ar-
rastando nos teus passos seres loucos e vazios
que nos tontos rodopios do salão do Brasil-
Danças frustravam toda esperança... Carina,
pobre Carina, qual será a tua sina?

3. Última noite no Brasil-Danças. Trinta anos
de ritmo e de cadência numa louca, falaz
experiência que destrói os sonhos de crian-
ças. Ah, pobre menina que, bailando, sonha-
vas ver na face gentil o teu parceiro de
agora pensando arrancar-te desse mundo
vil... Da tua doce ilusão, dos teus sonhos
de menina, que ficou no coração senão sau-
dade e ruína? Tudo passou, tudo passa.
A dor sobrou e a desgraça. Morreu a tua
esperança com a morte de Brasil-Danças. Ca-
rina, pobre Carina, como a vida é bailarina!
(A.H.)

LINHAS PASTORAIS

ESQUIZOFRENIA SOCIAL: ALGUNS EXEMPLOS

• Não atribuímos infalibilidade aos jornais
e revistas. Mas vale a pena recolher alguns
dados, algumas opiniões publicadas na im-
prensa. Há também reportagens de valor que
bem mostram a diferença enorme que há
aparentemente entre "ricos" e "pobres", mas
de fato entre o Povo do poder — as elites,
as lideranças — e o Povo à margem — o
Povão. Diferenças escandalosas que desafiam
a nossa inteligência e a nossa Fé.

• João Cosme da Silva, 41, mais os filhos
Antônio, 15, e Eliane, 10 (!), saem pelas ruas
catando latas. Catam e amassam eles mesmos.
No domingo e na segunda-feira de Carnaval
cataram e amassaram mais de 600 quilos de
lata que vendem a 3 cruzados no Ferro-Velho.
Onde fica o artigo XXIII da Declaração
Universal dos Direitos Humanos que diz:

• "Todo homem tem direito ao trabalho, à
livre escolha do emprego, a condições justas
e favoráveis de trabalho e à proteção contra
o desemprego?"

• Manuel Sanches, arquiteto e sociólogo, em

artigo intitulado "A cidade dos infra-urbanos"
(Jornal do Brasil 18-2-88), escreve: "Os infra-
urbanos (= o Povão marginalizado) vendem
balas e doces nas esquinas, trabalham como
domésticos, fazem biscates, empurram as ale-
gorias das escolas de samba, são a quase
totalidade da mão-de-obra não qualificada da
construção civil".

• Continua: "Habitam ruas, viadutos, pra-
ças, calçadas e, muitas vezes, barracos e lhes
faltam esgoto, transportes, limpeza e todos
os serviços urbanos que caracterizam uma
cidade, exceto água e luz. A cidade de dois
milhões de não urbanos é decididamente a
senzala dos dias de hoje; perde em tamanho
apenas para São Paulo e Rio de Janeiro".
Onde fica o artigo 1 da Declaração que diz:

• "Todos os homens nascem livres e iguais
em dignidade e direitos. São dotados de ra-
zão e consciência e devem agir em relação
uns aos outros em espírito de fraternidade".

• Otomar Lopes Cardoso, que foi secretário
de Serviços Sociais no Distrito Federal e no

Rio Grande do Norte, escreve no Jornal do
Brasil (13-2-88) sob o título: "A disputa do
lixo para viver":

• "Estima-se que no Rio de Janeiro mais
de três mil pessoas vivam à custa de catar
lixo nos aterros da Comlurb para revenda.
Registra-se ainda outro considerável número
que diariamente percorre as avenidas Rio
Branco, Presidente Vargas, ruas Uruguiana,
Senador Dantas etc., após às 19h, para
recolher papéis velhos dos escritórios e caixas
de papelão usadas das lojas comerciais, que
são colocados nas calçadas do centro da ci-
dade". Onde fica o artigo XXV da Declara-
ção que diz:

• "Todo homem tem direito a um padrão
de vida capaz de assegurar a si e a sua famí-
lia saúde e bem-estar?"

• Basta ler jornais e revistas, basta abrir os
olhos para descobrir a multidão imensa de
irmãos nossos que vivem à margem do pro-
cesso social, lutando apenas para sobreviver.
(A.H.)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote; Sl = Salmista; * = Indica que se pode usar outro texto.
Cânticos: Missa "CRISTO LAVRADOR", Gildes Bezerra-Amaury Vieira, Ed. Paulinas.

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA



De onde vens, ó caminheiro? —
Vim dos campos, do sertão". Pra
onde vais, ó companheiro? —
Vou querer ganhar meu pão!"

1. Este chão é teu lugar. Não precisas mais seguir. Temos paz para te dar, temos pão pra repartir.
2. Sou bem pobre e nada tenho, que não caiba no olhar. Amor trago de onde venho, nessas mãos pra trabalhar.
3. Caminheiro sem fadiga, somos pau da mesma cruz. Somos grãos da mesma espiga. Peregrinos de Jesus.

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

P. Amém!

S. Irmãos, Deus nos dá a Vida, Jesus Cristo nos reúne e o Espírito Santo nos fortalece, para que a fraternidade e a comunhão reinem entre nós.

P. Bendito seja Deus que nos criou / e nos reuniu no amor de Cristo / e no amor dos irmãos!

* 3 SENTIDO DA CELEBRAÇÃO

C. Pela desobediência aos mandamentos de Deus, o homem sente medo e vergonha ao ouvir a voz do Pai. Mas com Jesus todos somos chamados a fazer parte da família de Deus. Nesta família, pai não é o que gera, mas todo aquele que acolhe; mãe não é só a que concebe, mas também toda aquela que ama e se dedica aos seus filhos; irmãos não são aqueles que nascem da mesma mãe, mas todos aqueles que crêem, vivem e fazem a vontade de Deus Pai. Que a Liturgia nos desperte, para que vivamos este espírito familiar: na grande família onde os pobres, os negros, os brancos, índios e amarelos vivam o verdadeiro amor, que nos torna realmente filhos de Deus.

4 ATO PENITENCIAL

S. Quantas vezes nos dividimos e nos acomodamos em nosso egoísmo? Quantas vezes não fazemos a vontade do Pai? Nossa omissão permite a dor, o sofrimento, a discriminação e a morte de nossos irmãos. (Pausa para revisão de vida).

S. Confessemos nossos pecados.

P. Confesso a Deus todo-poderoso / e a vós, irmãos, / que pequei muitas vezes / por pensamentos e palavras, / atos e omissões, / por minha culpa, minha tão grande culpa. / E peço à Virgem Maria, / aos anjos e santos / e a vós, irmãos, / que rogueis por mim a Deus nosso Senhor.

S. Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna.

P. Amém!

1. Senhor, Senhor, piedade de nós!
2. Cristo Jesus, piedade de nós!
3. Senhor, Senhor, piedade de nós!

5 GLÓRIA

S. Glória a Deus nas alturas!

P. E paz na terra aos homens por ele amados. / Senhor Deus, rei dos céus, Deus Pai todo-poderoso: / nós vos louvamos / nós

vos bendizemos / nós vos adoramos / nós vos glorificamos / nós vos damos graças por vossa imensa glória. / Senhor Jesus Cristo, Filho Unigênito. / Senhor Deus, Cordeiro de Deus, Filho de Deus Pai. / Vós que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós. / Vós que tirais o pecado do mundo, acolhei a nossa súplica. / Vós que estais à direita do Pai, tende piedade de nós. / Só vós sois o Santo / só vós o Senhor / só vós o Altíssimo, Jesus Cristo / com o Espírito Santo, na glória de Deus Pai. Amém.

6 COLETA

S. Oremos: Ó Deus, vós sois a fonte do bem e onde buscamos a luz para nos guiar. Atendei nosso apelo. Fazei que, inspirados por vós, pensemos o que é certo, pondo em prática tudo o que favoreça o bem comum. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém!

LITURGIA DA PALAVRA

7 PRIMEIRA LEITURA



C. Ainda hoje o mal nos ronda e nos ameaça. Só com a proteção divina é que podemos vencê-lo.

L. Leitura do livro do Gênesis (3,9-15). — Depois que o homem comeu da fruta da árvore, o Senhor Deus o chamou, dizendo: "Onde está você?" E ele respondeu: "Ouvindo teus passos no jardim, fiquei com medo, porque estava nu e me escondi". O Senhor lhe perguntou: "E quem lhe disse que você estava nu? Por acaso comeu da fruta da árvore, da qual proibi comer?" E o homem respondeu: "A mulher, que me deste por esposa, foi ela que me fez provar da fruta da árvore e eu comi". O Senhor Deus perguntou à mulher: "Por que fez isso?" E ela respondeu: "A serpente me enganou e eu comi". Então o Senhor Deus disse à serpente: "Por teres feito isso, serás amaldiçoada entre todos os animais domésticos e todos os animais selvagens. Rastejarás sobre o ventre e comerás pó por todos os dias de tua vida. Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e os descendentes dela. Eles ferirão tua cabeça e tu ferirás seu calcanhar". — Palavra do Senhor. — P. Graças a Deus!

8 CANTO DE MEDITAÇÃO

(Sl 129)

C. Para não sermos seduzidos pelo sussurro da serpente, que nos quer afastar do projeto de Deus, clamamos ao Senhor que escute a nossa prece:

"Ouvi deste povo oprimido o clamor, / e vim libertá-lo", nos diz o Senhor.

Sl. 1. Das profundezas eu clamo a Vós, Senhor, / escutai a minha voz! / Vossos

ouvidos estejam bem atentos / ao clamor da minha prece!

2. Se levardes em conta nossas faltas, / quem haverá de subsistir? / Mas em Vós se encontra o perdão / eu Vos temo e em Vós espero.

3. No Senhor ponho a minha esperança / espero em sua palavra. / A minha alma espera no Senhor / mais que o vigia pela aurora.

9 SEGUNDA LEITURA

C. Na ressurreição e na vida eterna, os cristãos encontram força para suportar e vencer os desafios da caminhada.

L. Leitura da 2ª Carta de São Paulo Apóstolo aos Coríntios (4,13—5,1). — "Irmãos, animados pelo mesmo espírito de fé, segundo o que está escrito: 'Acreditei, por isso falei', também nós acreditamos e por isso falamos. Sabemos que aquele que ressuscitou o Senhor Jesus nos ressuscitará também com ele, e nos colocará ao seu lado, juntamente com vocês. Com efeito, tudo isso se realiza por causa de vocês, a fim de que a graça, multiplicando-se em número cada vez maior de pessoas, aumente o louvor para a glória de Deus. Por isso não desanimamos, pois mesmo que o homem exterior em nós caminhe para a destruição, o homem interior se renova, dia a dia. Este breve momento de aflição que pesa tão pouco prepara-nos, além de toda medida, um peso eterno de glória, pois não olhamos as coisas visíveis mas as invisíveis. As coisas visíveis são passageiras, as invisíveis são eternas. Bem sabemos que, se esta nossa morada terrestre, que nos serve de tenda, for destruída, receberemos de Deus, nos céus, uma morada eterna, não construída por mãos humanas". — Palavra do Senhor. — P. Graças a Deus!

10 CANTO DE ACLAMAÇÃO



1. Vamos todos bendizer: Ale, ale! Jesus Cristo vai falar: luia, luia! A Palavra de viver: Ale, ale! E que vai nos transformar: luia, luia!

2. Cristo quer um coração: Ação! Ação! Onde o amor possa morar: Orar! Orar! E que saiba perdoar: Doar! Doar! Sem fingir os reclamar: Amar! Amar!

3. Aleluia, Aleluia! luia, luia...

11 EVANGELHO

C. Movido pelo Espírito de Deus, Jesus assume a missão de cumprir a vontade de Deus: construir o Reino de justiça, amor e paz no mundo.

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós!

S. Evangelho de Jesus Cristo segundo Marcos (3,20-35).


P. Glória a vós, Senhor!

S. Naquele tempo, Jesus voltou para casa com os discípulos. E de novo se reuniu tanta gente que eles não po-

diam nem comer. Quando souberam disso, os parentes de Jesus saíram para agarrá-lo, porque diziam que estava fora de si. Alguns doutores da Lei, que tinham vindo de Jerusalém, diziam que ele estava possuído por Beelzebu e que, pelo príncipe dos demônios, ele expulsava os demônios. Então Jesus os chamou e falou-lhes em parábolas: "Como é que Satanás pode expulsar Satanás? Se um reino se divide em grupos que lutam entre si, esse reino não poderá manter-se. Se uma família se divide em grupos que brigam entre si, essa família não poderá manter-se. Assim, se Satanás se levanta e se divide em grupos que lutam entre si, não poderá sobreviver, mas será destruído. Ninguém pode entrar numa casa de um homem forte para roubar seus bens, sem antes amarrá-lo. Só depois poderá saquear sua casa. Em verdade eu digo a vocês: tudo será perdoado aos homens, tanto os pecados como qualquer blasfêmia que tiverem dito. Mas quem blasfemar contra o Espírito Santo, nunca será perdoado, pois a culpa de tal pecado dura para sempre". Jesus falou isso porque estavam dizendo: "Ele está possuído por um espírito mau". Nisso chegaram sua mãe e seus irmãos; ficaram do lado de fora e mandaram chamá-lo. Havia um multidão sentada ao redor dele. Então lhe disseram: "Sua mãe e seus irmãos estão lá fora e procuram você". Ele respondeu: "Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? E olhando para os que estavam sentados ao seu redor, disse: "Aqui estão minha mãe e meus irmãos. Quem faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe". — Palavra da Salvação. — **P. Louvor a vós, ó Cristo!**

* 12 PREGAÇÃO — PARTILHA

13 PROFISSÃO DE FÉ

 S. Creio em Deus Pai todo-poderoso,
P. criador do céu e da terra / e em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, / que foi concebido pelo poder do Espírito Santo / nasceu da Virgem Maria / padeceu sob Pôncio Pilatos / foi crucificado, morto e sepultado / desceu à mansão dos mortos / ressuscitou ao terceiro dia / subiu aos céus / onde está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso / donde há de vir a julgar os vivos e os mortos. / Creio no Espírito Santo / na santa Igreja católica / na comunhão dos santos / na remissão dos pecados / na ressurreição da carne / na vida eterna. Amém.


* 14 ORAÇÃO DOS FIÉIS

S. Irmãos, confiantes no Senhor, queremos fazer a vontade do Pai. Assim podemos libertar nossos irmãos sofridos e esquecidos:
L1. O Senhor fortaleça a unidade e a fé de seu Povo e de sua Igreja. Somando todas as forças, alegrias e sofrimentos, superemos os desafios e dificuldades. Rezemos:


P. Senhor, ouvi-nos! Senhor, atendei-nos!
L2. Que o tema da Campanha da Fraternidade: "Ouvi o clamor deste Povo", continue despertando em nós a luta pela construção do Reino de irmãos, em Cristo Jesus. Rezemos:
L3. Que o anúncio da Palavra de Deus seja, para todos nós, coragem que incomoda e vence todas as perseguições e discriminações. Rezemos:
(Outras intenções da comunidade...)
S. Senhor nosso Pai, enviai luz e força do Espírito Santo à vossa Igreja, para que ela comunique, com fidelidade, a mensagem de Jesus Cristo. Dai-nos forças para compartilhar os dons da vida com vossos filhos. Por Cristo nosso Senhor. **P. Amém!**

LITURGIA EUCARÍSTICA


15 CANTO DAS OFERTAS

 Este pão já foi semente que a gente lá na roça semeou para que possa ter comida quem semeia. Pra que Deus agora faça desta massa o Pão da ceia.
1. Nossas mãos cheias de calos, da enxada que puxamos, representam o trabalho que agora ofertamos.
2. Ofertamos nossos frutos e também o coração, para o Cristo que alimenta, fazer deles outro Pão.
3. Ofertamos nosso amor e a dor que faz chorar, pois o pranto é a melhor chuva pro amor frutificar.


16 ORAÇÃO DAS OFERTAS

 S. Orai, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.
P. Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício / para a glória do seu nome / para o nosso bem e de toda a santa Igreja.
S. Senhor nosso Deus, vede nossa disposição em vos servir. Acolhei nossa oferenda, para que este sacrifício vos seja agradável e nos faça crescer no amor. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. **P. Amém!**

17 ORAÇÃO EUCARÍSTICA

 (Prefácio próprio):
(A Oração Eucarística compete ao sacerdote somente. Após a consagração):
S. (Canta): Eis o mistério da Fé!
P. (Canta): Toda vez que se come deste Pão / toda vez que se bebe deste Vinho / se recorda a Paixão de Jesus Cristo / e se fica esperando a sua volta. Vem, ó Senhor! Vem, ó Senhor! Vem, Senhor Jesus, vem!


18 CANTO DA COMUNHÃO

 1. Somos todos roceiros da roça do Pai. E posseiros das terras deixadas pra nós. Vamos todos fazer a partilha, irmãos, entre tantas famílias sem terra e sem pão.
Vamos plantar mais um pouco de amor de caboclo e fazer mutirão. Pra começar nós já temos Semente, que é Cristo, é Jesus-Comunhão.

2. Se um dia a tarefa pesar como a cruz, ou nos ombros da gente ou nos ombros do irmão, vamos todos pedir reforço a Jesus, que Ele vem ajudar, se houver união.
3. Mas se grande alegria igual brilho reluz, ou no peito da gente ou no peito do irmão,

vamos todos mostrar gratidão a Jesus, que Ele vai se alegrar, Ele vê o coração.
4. Mas chegando a tristeza que ofusca a luz, ou nos olhos da gente ou nos olhos do irmão, vamos todos mostrar nosso pranto a Jesus, que Ele vem consolar quem tiver aflição.
5. Mas chegando a riqueza que seca e seduz, ou a alma da gente ou a alma do irmão, vamos todos doar uma parte a Jesus, que Ele vai demonstrar o que é gratidão.
6. Se andamos na estrada que não mais conduz, ou os passos da gente, ou os passos do irmão, vamos todos voltar para o Cristo Jesus, que Ele faz caminhar, Ele é direção.
7. Se as coisas são caras e o pão se reduz, ou na mesa da gente ou na mesa do irmão, vamos todos pedir para o Cristo Jesus, que Ele mostre ao governo esses homens sem pão.

19 AÇÃO DE GRAÇAS

 S. Oremos: Ó Deus, curai nossos males e agi em nós por esta Eucaristia. Libertai-nos das más inclinações e orientai para o bem a nossa vida. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.
P. Amém!

RITO FINAL

20 MENSAGEM PARA A VIDA

(Após as comunicações de interesse para a comunidade):
C. Quem são, afinal, nossos irmãos? Esta pergunta por vezes nos inquieta. Mais desafiante ainda é viver como irmãos. Só vê no rosto do próximo a face de Deus e o amor do Pai quem abre o coração e se faz solidário. Só descobre que o outro é irmão quem partilha fraternalmente a vida, os dons, os bens, o amor, o pão, a terra e, animado pelo espírito de fé, se engaja na comunidade.

21 BÊNÇÃO FINAL

S. O Senhor esteja convosco.
P. Ele está no meio de nós!
S. Abençoe-vos Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo.
P. Amém!
S. Vamos em paz e o Senhor nos acompanhe.
P. Amém!

22 CANTO DE SAÍDA

1. Caminheiro, companheiro, este caminho é mesmo estreito, ele foi feito bem agreste, e nele o Mestre caminhou. Entre pó, poeira, espinho, entre as pedras do caminho e de todos caminheiros foi o primeiro que chegou. Caminheiro, companheiro, ponha o pé nessa estrada. Se ficar na encruzilhada, nunca vai poder chegar.
2. Caminheiro, companheiro, leve a luz que alumia, mais que o sol do meio-dia, pra você não tropeçar. Leve junto a família, companheiros e amigos, pois em caso de perigo, todos podem se ajudar.

LEITURAS PARA A SEMANA:

2ª-feira: 1Rs 17,1-16; Mt 5,1-12. / 3ª-feira: 1Rs 17,7-16; Mt 5,13-16. / 4ª-feira: 1Rs 18,20-39; Mt 5,17-19. / 5ª-feira: 1Rs 18,41-46; Mt 5,20-26 (Bem-aventurado José de Anchieta). / 6ª-feira: Os 11,1,3-4,8c-9; Ef 3,8-12,14-19; Jo 19,31-37 (Sagrado Coração de Jesus). / Sábado: 1Rs 19,19-21; Mt 5,33-37 ou At 11,21b-26; 13,1-3; Mt 10,7-13 (São Barnabé, Apóstolo). / Domingo: Ez 17,22-24; 2Cor 5,6-10; Mc 4,26-34.

COMO FOI A VIDA DE ABRAÃO?

Carlos Mesters

Abraão viveu nos séculos XIX — XVIII antes de Cristo. Saiu, por ordem de Deus, de Ur dos Caldeus (no atual Iraque, perto do Golfo Pérsico), subiu para a Assíria (atual Síria) até a cidade de Haran. De lá desceu até a Palestina, entrou no Egito e voltou para a Palestina, onde morreu na cidade de Hebron. Tudo é feito por ordem de Deus, em contínuo contato com ele. Basta ler os capítulos da Bíblia (Gn 12—25).

Aqui devem ser anotados dois elementos que esclarecem o fato do ponto de vista histórico: 1) Existia, naquele tempo, um movimento migratório que, da região do Golfo Pérsico, passava pela Síria e descia, pela Palestina, para o Egito. Abraão era um dos muitos. Não se distinguia dos outros. 2) Todas as tribos que iam saindo das suas terras em busca de terras melhores tinham deuses próprios. Eram os “deuses da família”. Tudo o que faziam era por ordem desses deuses.

Conclusão que se tira: então Abraão não era em nada diferente dos outros? Nada o distinguia, nem mesmo a sua fé? Era um dos muitos que se perdiam na massa anônima? Assim parece a quem olha os fatos de fora. Que entendia aquela gente da antiguidade, quando falava em “Deus”? Que tipo

de Deus era esse? O Deus da Bíblia ou qualquer outro?

Aquela religião, comum a todos os povos que viviam no deserto, em parte nasceu da seguinte maneira: 1) Verifica-se que a vida depende de uma harmonia da natureza e do universo: chuva no tempo da primavera, renovação do rebanho do tempo do cio, volta das estações do ano, inundações dos rios que irrigam a terra, o sol que se levanta toda manhã, sucessão de dia e de noite, de meses e de anos etc. Enquanto esta harmonia perdurava, a vida está assegurada, pois a terra poderá produzir e o homem terá de que viver. 2) Nota-se que a vida é constantemente ameaçada por forças imprevisíveis: terremotos, tempestades, doenças, inundações violentas demais etc. 3) Sente-se a impossibilidade de exercer qualquer influência sobre as forças da harmonia e da desordem. São maiores do que a gente e nem se sabe como explicá-las. 4) Acha-se que são forças extraterrenas, ou divinas. Para que a vida continue, é necessário que tais forças sejam benéficas ao homem. 5) Por isso, começa-se a cultuá-las e surge a religião. E assim cada povo e grupo cria o “seu” deus protetor padroeiro. 6) Portanto, naquele tempo, para uma pessoa viver

bem como homem, garantir e preservar sua vida, devia honrar os deuses. Infelizmente, aquele que não o fizesse. Comprometeria sua vida e a dos outros, pois o deus poderia irritar-se e não mais cuidar da manutenção das forças da ordem.

Aqueles “deuses” não eram Deus de fato. Eram expressões das aspirações e do medo do homem, do seu desejo de viver. O culto prestado aos deuses era expressão da vontade do homem de acertar na vida. Neste sentido, Abraão era um homem sincero do seu tempo, procurava acertar na vida, adorando o deus que herdara do seu pai (cf. Judite 5,7)). Hoje, a ciência derrubou a visão antiga sobre a harmonia e a desordem no universo. Não resultam de forças divinas. Por exemplo: o sol não se levanta porque Deus o puxa. Tudo isso mudou, graças às descobertas das ciências. Mas o que não mudou é a vontade eterna do homem de querer acertar na vida, de querer ser fiel, de querer preservar a vida, de querer fazer o que a consciência lhe manda. No tempo de Abraão, os homens faziam isso, adorando divindades e usando culto mágico. Hoje, muitos fazem o mesmo, procurando cada qual dar sentido e valor à sua vida.

EM TORNO DA LITURGIA

A LINGUAGEM DO SILÊNCIO NA LITURGIA

Frei Alberto Beckhäuser, OFM

Dentro da linguagem totalizante da Liturgia, o silêncio ocupa um lugar importante. Aliás, toda a Liturgia cristã não se caracteriza pela multiplicação de palavras, como o culto pagão. O culto cristão é sereno, pois baseia-se na confiança em Cristo, que se ofereceu ao Pai uma vez para sempre em sacrifício agradável. Jesus Cristo é o principal agente na Liturgia. A participação ativa caracteriza-se pela participação pelo olhar; daí a arte, os gestos, as cores; caracteriza-se pelo ouvido; daí a arte musical, os instrumentos, o canto; caracteriza-se pela palavra, pelo olfato, pelo gosto, pelo movimento e pelo tato.

Mas o que importa mesmo é a conversão e a participação no mistério de Cristo. O que importa é que a Liturgia seja frutuosa, deixando que o Pai, por Cristo, no Espírito Santo aja na vida de cada um.

Neste contexto, o silêncio pode ser uma linguagem muito eloqüente. Por isso, diz a Instrução: “Oportunamente, como parte da celebração deve-se observar o silêncio sagrado. A sua natureza depende do momento em que ocorre em cada celebração. Assim, no ato penitencial e após o convite à oração, cada fiel se recolhe; após uma leitura ou a homilia, meditam brevemente o que ouviram; após a Comunhão, enfim, louvam e rezam a Deus no íntimo do coração” (n. 23).

Temos, aqui, enumerados os principais momentos de silêncio na Missa, com seu sentido: no Ato penitencial, no convite à oração feito pelo sacerdote, depois das leituras, depois da homilia e depois da Comunhão. Podemos acrescentar ainda, durante o rito e preparação das oferendas, quando não houver canto, pois este é facultativo.

Além desses momentos de silêncio, podemos dizer que na Missa se realiza uma certa dinâmica na forma de oração, partindo-se de uma expressão mais vibrante, na oração de busca no início, passando-se por uma oração-resposta de louvor e de ação de graças, até se chegar a uma oração mais silenciosa de comunhão e adoração. Por isso, o momento da Comunhão deve apresentar uma oração de maior intimidade e silêncio.

Importa formar para o bom uso do silêncio na Liturgia. Mesmo as crianças e os jovens são capazes de momentos de silêncio, deixando o Espírito Santo fazer ressoar as fibras dos seus corações. O comentarista e o Presidente da assembléia têm uma função importante nesse sentido.

LUTA CONTRA DISCRIMINAÇÃO, NA IGREJA PRIMITIVA

A luta contra o pecado da discriminação, na Igreja primitiva, exigiu muito esforço e, mesmo assim, não foi totalmente superado. O próprio decreto do chamado “Concílio de Jerusalém” traz uma imposição cultural sobre os pagãos (At 15,29). Esta Assembléia reconhece a legitimidade da conversão do pagão diretamente ao Cristianismo. Mas o conflito entre os apóstolos continuou e Paulo se viu obrigado a recriminar Pedro, a respeito da discriminação (cf. Gl 2,22-21). Diversas Epístolas de Paulo tratam do assunto, sobretudo Romanos e Gálatas.

Paulo é consciente dos diversos tipos de discriminação de sua época. Havia a de nível cultural e religioso, a de sexo e de classe social e, a mais grave de todas, a escravidão. Ele sabia também o quanto a religião era utilizada como pretexto e legitimação de todas estas discriminações. Paulo vai dizer que a novidade cristã exige uma radical mudança nestas dimensões todas... “Vós todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus, pois todos vós fostes batizados em Cristo, vos revestistes de Cristo”.

Continua o Apóstolo: “Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há

homem nem mulher; pois todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3,26-28). Este ensinamento é repetido por Paulo em três outras de suas cartas: Rm 10,12; Cl 3,11; 1Cor 12,13. Na Carta aos Coríntios, a perspectiva é que formamos um só corpo e somos animados por um único e mesmo espírito: “Pois fomos todos batizados num só corpo, judeus e gregos, escravos e livres, e todos bebemos de um só Espírito” (1Cor 1,12-13).

A igualdade, fundada no batismo, vivida concretamente na comunidade primitiva, na forma da partilha de bens (At 2,44-45; 2Cor 9), atraía, sem dúvida, à comunidade, uma multidão de pobres, de necessitados, de doentes e também de escravos. A composição social da comunidade era predominantemente das camadas baixas: “Não há, entre vós, muitos sábios conforme a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de família prestigiosa (1Cor 26). Com isso, levantava-se o problema dos escravos membros da comunidade. Como viver a liberdade cristã sendo escravo? Paulo se posiciona frente ao problema em 1Cor 7,20-23 e também nas Epístolas do cativo: Cl 3,22-41 e Ef 6,5-9.

Mas Paulo é filho de seu tempo. A escla-

vidão é uma instituição social reconhecida. Assim, ele não consegue ver a incompatibilidade intrínseca entre cristianismo e escravidão. Aliás, levará séculos até que os cristãos a reconheçam! Paulo limita-se a exortar escravos e senhores, para que vivam suas condições sociais “no Senhor”. E aqui está em germe a negação da escravidão, pois o amo que pretender ser amo “no Senhor”, logicamente, há que libertar seus escravos; e o escravo que viver sua escravidão “no Senhor” só poderá perceber como ela é contrária à sua dignidade de filho de Deus e contrária ao ideal do Reino.

Na carta a Filêmon é onde Paulo vai mais longe, na sua lógica cristã frente à instituição reconhecida da escravidão. É um bilhete pessoal que Paulo escreve, da prisão, a seu amigo, para tratar do caso do escravo Onésimo, que havia fugido da casa de Filêmon e se encontrava com Paulo. O problema, porém, não é um problema particular e que interessa apenas ao dono do escravo. É uma questão que toca a vida de toda a comunidade e, por isso, a carta é dirigida a Filêmon e, ao mesmo tempo, “à Igreja que se reúne em sua casa” (Fm 2).